

OS TRÊS NÍVEIS DIMENSIONAIS DA PAISAGEM NO ÇAIRÉ EM ALTER-DO-CHÃO – PARÁ/BRASIL¹

THE THREE DIMENSIONAL LEVELS OF THE LANDSCAPE
IN ÇAIRÉ IN ALTER-DO-CHÃO - PARÁ/BRAZIL

LOS TRES NIVELES DEL PAISAJE EN ÇAIRÉ
EN ALTER-DO-CHÃO - PARÁ/BRAZIL

Sheila Castro dos Santos²

RESUMO: Este texto foi confeccionado na perspectiva da geografia humanística, com embasamento no método hermenêutico-fenomenológico ricoeuriano, procedimentos metodológicos efetuados pela pesquisa qualitativa, idas a campo no festejo denominado Çairé, onde se obteve o resultado com análises direcionadas à utilização da paisagem pelos moradores como elo para a prática cultural e econômica. Esses moradores utilizam-se de três dimensões da paisagem, sendo elas simbólica, representada e consumida. A área de estudo foi o distrito de Alter-do-Chão, localizado em Santarém, município do estado do Pará, dentro do território brasileiro. Observou-se que ao utilizarem os elementos naturais como definidores de sua cultura os alterenses lhes impuseram sentido, transformando-os em símbolos e signos. Com tal prática, visam a continuidade ritualística e cultural que envolve as crenças e as lendas praticadas no passado e que ainda continuam revividas durante as expressões culturais lúdicas do Çairé, embora redimensionadas na atualidade.

Palavras-chave: Paisagem Construída. Paisagem Consumida. Paisagem Simbólica. Experiência. Cultura.

ABSTRACT: This text was prepared within the perspective of humanistic geography, based on the Ricoeurian hermeneutical-phenomenological method, with the methodological procedures carried out by qualitative research in field trips, in the festival called Çairé, where the result was obtained with analyzes directed to the use of the landscape by the inhabitants of the place, as a link for cultural and economic practices. And how they use three dimensions of the landscape, which are the symbolic, the represented and the consumed. The study area

¹ Texto elaborado a partir de pesquisa para tese de doutoramento.

² Doutora em Geografia pela UFPR; Mestre em Geografia pela UFRO; Docente na Universidade Estadual de Londrina/UUEL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5838911799941194>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1704-5742>. E-mail: sheila1705@gmail.com

Artigo recebido em setembro de 2022 e aceito para publicação em novembro de 2022.

was the district of Alter-do-Chão, located in Santerém, a municipality in the state of Pará, in the interior of Brazilian territory. It was observed that by using the natural elements as definers of their culture, the Alterenses imposed meaning on them, transforming them into symbols and signs. With these practices they aspire to ritual and cultural continuity, which envelops the beliefs and legends practiced in the past, and which continue to be revived during the ludic cultural expressions of Çairé, although currently resized.

Keywords: Constructed Landscape. Consumed Landscape. Symbolic Landscape. Experience. Culture.

RESUMEN: Este texto fue confeccionado en el interior de la perspectiva de la geografía humanística, con bases en el método hermenéutico-fenomenológico ricoeuriano, con los procedimientos metodológicos efectuados por la pesquisa cualitativa en viajes a campo, en la festividad denominada Çairé, donde se obtuvo el resultado con análisis direccionadas al uso del paisaje por los habitantes del lugar, como vínculo para las prácticas culturales y económicas. Y como utilizan tres dimensiones del paisaje, que son la simbólica, la representada y la consumida. El área de estudio fue el distrito de Alter-do-Chão, localizado en Santerém, municipio del estado de Pará, interior del territorio brasileño. Se observó que al utilizar los elementos naturales como definidores de su cultura, los alterenses les impusieron sentido transformándolos en símbolos y signos. Con estas prácticas aspiran la continuidad ritual y cultural, la cual envuelve las creencias y las leyendas practicadas en el pasado, y que todavía continúan siendo revividas durante las expresiones culturales lúdicas del Çairé, aunque redimensionadas en la actualidad.

Palabras clave: Paisaje Construido. Paisaje Consumido. Paisaje Simbólico. Experiencia. Cultura.

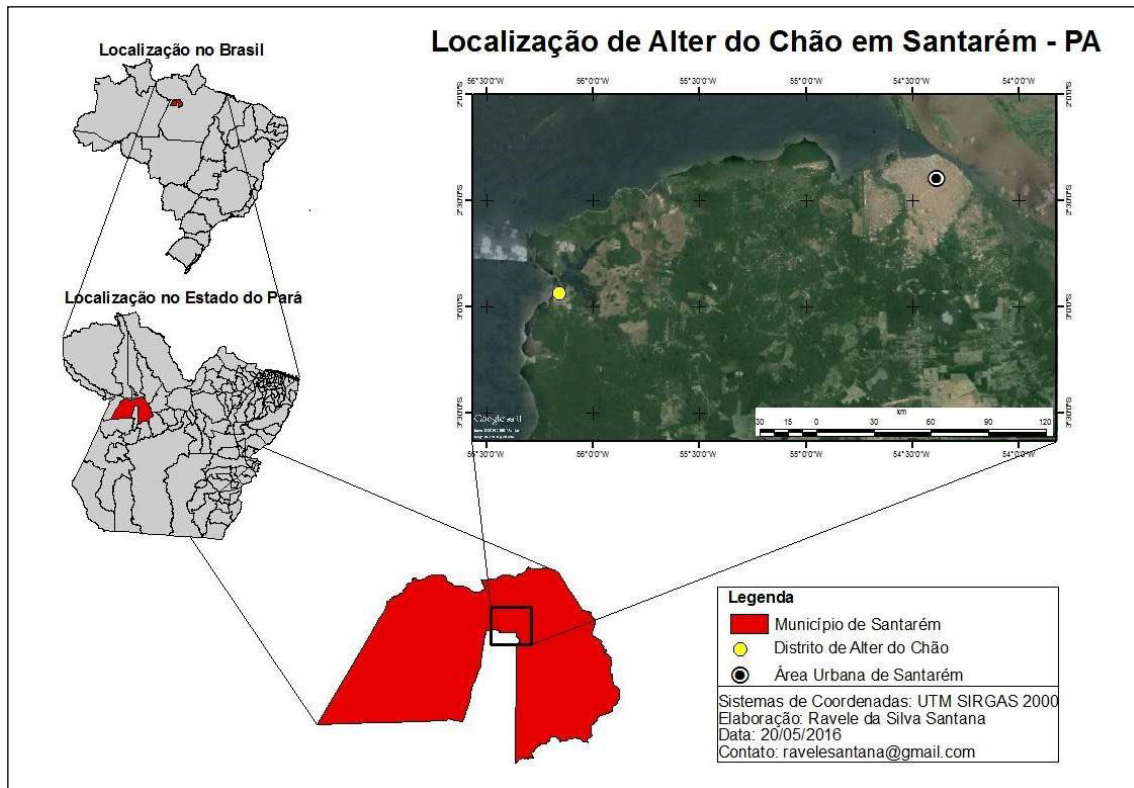
INTRODUÇÃO

O Çairé é uma festa que ocorre no distrito de Alter-do-chão, dentro dos limites do município de Santarém, estado do Pará, na região amazônica brasileira. O período festivo não é fixo, dá-se conforme a sazonalidade do rio Tapajós, entre final do mês de agosto e os quinze primeiros dias do mês de setembro. É bem perceptível o ecletismo religioso, a sexualidade exposta, as recreações, comidas, as danças e a maneira como utilizam a paisagem para representar seu elo com a natureza. Também, o modo como afirmam e reafirmam o amor pelo lugar em que realizam a experiência e vivência.

Em Alter-do-Chão, situado como distrito de Santarém, município do estado do Pará, o festejo, ora religioso, ora vernacular do Çairé, foi outrora praticado pelos indígenas. No entanto, sofreu modificações com o decorrer da presença do não-indígena e da religião cristã. Mas sobretudo, a festividade cultural vem resistindo com a plasticidade das danças, com o enredo contado nas lendas, o uso da bebida típica tarubá, ritos caboclos e indígena

demonstrados durante a festa de forma artística. A igreja cristã aponta o festejo como algo profano. No entanto, o conceito de profano não cabe aqui, pois o profano para alguns não é para outros. Assim, a utilização desse conceito em determinados textos diminui os rituais e a cultura dos povos originários como se fosse algo desvirtuado da deidade.

Alter-do-Chão, conforme a Figura 1, é envolta de praias descritas pelos primeiros colonizadores como paradisíacas. Há registros do povoamento desde 1722 a 1776 e neles encontram-se informações sobre as expressões culturais lúdicas do Çairé, conforme indica Smith (1879) ao dizer que suas raízes estão fincadas na cultura indígena.



Fonte: Santos (2016).

Figura 1. localização de Alter-do-Chão em Santarém do Pará/Brasil.

Com o decorrer do tempo, houve alterações no festejo do Çairé, em Alter-do-Chão, que influenciaram o seu desenvolvimento pelo processo de assimilação, com ampliação de alcance e modificações do ritual de origem. Uma das causas de mudanças foi a presença dos jesuítas que catequizaram os moradores que lá viviam, dentre os quais a etnia Borari, Tupaiu e caboclos. Estes, foram aos poucos adicionando a seus rituais os ritos católicos, no entanto, a essência da celebração direcionada a evocação da natureza ainda é presente. Mesmo que para alguns o Çairé seja a celebração ao divino Espírito Santo ou à Santíssima Trindade, para outros é reatualização da resistência indígena e cabocla a suas matrizes culturais.

Nessa perspectiva de cultura e resistência, surge a necessidade de expressar o que se entende por cultura, observando que as interpretações advindas da ciência geográfica

sobre a paisagem cultural estão envolvidas em múltiplos processos mentais direcionados pelo viés metodológico escolhido para execução da pesquisa.

Desta maneira, utilizou-se para confecção deste trabalho a pesquisa qualitativa, com idas a campo, durante três anos, em período antes, durante e após o festejo, objetivando analisar a utilização da paisagem pelos moradores de Alter-do-Chão como elo para a prática cultural e econômica da comunidade. Também se verificou como estes moradores fazem uso das três dimensões da paisagem, sendo elas simbólica, representada e consumida. A pesquisa evidencia ainda como se dá a transformação do conceito de paisagem, para o de lugar pelos moradores e por visitantes, como processo indispensável para perpetuação religiosa e cultural da comunidade alterense.

Para realizar análises em conjunto com o conceito de paisagem e lugar, e dessa maneira alcançar os objetivos, utilizou-se o método hermenêutico-fenomenológico, buscando dessa forma desenvolver a melhor interpretação possível da essência humana. Mesmo que essa, segundo Santos (2016, p. 37), “possua o predicado de falibilidade e inconstância, pois o ser humano muda constantemente, seja agregando conhecimentos ou os modificando. Procurou-se a autenticidade simbólica das ações expostas,” durante as idas a campo, com as falas e narrativas que “compõem as expressões vividas pelos indivíduos”.

Seguindo esta perspectiva, o método é o aporte filosófico que dá suporte à teoria, como explicita Claval (2011, p. 222), pois é ele que propõe evidenciar as “estruturas transcendentais da consciência e das essências”.

Nas idas a campo, interessou-se pelo que foi narrado durante as entrevistas e o que fora observado. No entanto, as falas das pessoas no cotidiano foram importantes para compreensão do que se vive em Alter-do-Chão. Com diálogos discorridos sem qualquer anseio, conseguiu-se aplicar o método hermenêutico-fenomenológico. Pois, o conjunto do narrado conecta as experiências percebidas durante a pesquisa, tornando-o importante para a fenomenologia, posto que, o que importa é o outro. Como ele percebe seu entorno, é o exercício que o pesquisador realiza com a perspectiva de alteridade. Já o contexto em que o narrador está inserido, seu gesto e as ações elaboradas, volta-se para a hermenêutica interpretando como um texto a ser lido. A tríade hermenêutica torna todas as ações uma questão a ser mais aprofundada no contexto em que o sujeito fala. Deixa-se claro que as entrevistas não foram utilizadas neste texto, pois o tornaria muito extenso, no entanto as análises realizadas em campo com auxílio teórico metodológico foram aplicadas dentro do que foi vivido durante as idas a campo.

Em conformidade com a explicação proposta por Ricoeur (2007), o qual explicita que na narrativa ocorre a articulação entre as lembranças no plural e a memória no singular, o ato de alteridade ocorre ao reconhecer na memória a temporalidade e a espacialidade vivida.

Desta maneira, compreende-se as representações sentidas e evidenciadas nas expressões culturais lúdicas do Çairé por meio da concepção do sensível e do entendimento intelectual. O primeiro, consiste em evidenciar fenomenologicamente a paisagem percebida, exposta a partir do vivido dos moradores. O segundo, consiste em evidenciar de maneira concatenada o trajeto de compreensão das representações expostas nas ações para a formação do lugar vivido e da paisagem percebida por meio textual e empírico.

De acordo com Matos (2003, p. 16), “na Amazônia brasileira, apesar da descaracterização cultural engendrada pela colonização, existem processos que impulsionam a criatividade e a espontaneidade das comunidades. Neles se expressam formas comunitárias de resistência”. O lado negativo é que os sistemas de exploração econômica moderno adentram nesses espaços e controlam a dinâmica cultural como fator preponderante para inferir em lucro (SANTOS, 2016).

Mesmo que a cultura não desapareça, sua dinamicidade é transformadora. Ela reconfigura-se enquanto houver uma comunidade sucessora que absorva sua prática e nela haverá traços que poderão ser utilizados para uma reconfiguração. Com o autorreconhecimento, dessa maneira, os alterenses puderam construir um ponto para continuação de uma parte da cultura indígena que viveu em Alter-do-Chão.

Na prática cotidiana cultural é necessário que haja percepção histórica e geográfica, pois a experiência sensível é criada a partir das percepções do que foi vivenciado com alguém em algum lugar, ou do que foi repassado como algum tipo de informação. A especialização que se tem com as formas de linguagem, com as narrativas, gestos e ensinamentos dado pelos mais velhos é de fundamental importância para continuidade cultural. Com a complexidade no compartilhamento de símbolos, experiências que unem ou separam os indivíduos de uma comunidade, há tipos de relações que evidenciam a identidade cultural da comunidade.

A PAISAGEM CULTURAL EM ALTER-DO-CHÃO

A criatividade da comunidade alterense propiciou a utilização de traços da cultura indígena, afro e europeia, e com envolvimento da religião cristã e da crença étnica surge a mistura dos costumes para formar a festa em que o caboclo de Alter-do-Chão externaliza novas formas para uma continuidade sociocultural.

A paisagem de Alter-do-Chão é utilizada por sua peculiaridade amazônica para chamar atenção dos visitantes, sendo também representada por meio das expressões culturais lúdicas como nas músicas da localidade, das pinturas e fotos que evidenciam a cultura/religião e paisagem/lugar, para afirmar e reafirmar suas concepções do mundo vivido (Santos, 2016). Pois, ao contemplar a paisagem cria-se, dependendo do espectador, o desejo de poder experienciá-la. Posteriormente surge o anseio de tocar, e dessa forma, entende-se que o vivenciar é alegrado pela cognição. Desse modo, quanto mais se adentra na paisagem, mais se vive o lugar. Por isso, a ideia de virtualidade da paisagem foi indicada por Cosgrove (1984) quando há uma desconexão do homem na paisagem.

As diversas ações dos alterenses podem ser analisadas visando elaborar representações de sua cultura almejando partilhá-las com os ‘outros/visitantes³’ para que estes desenvolvam sentimento sobre o festejo do Çairé, pelo lugar e pelas paisagens. É perceptível quando estes utilizam as expressões culturais lúdicas para o envolvimento local na realização da festa. Matos (2003) indica que o Çairé é como a semente que germina com tronco, ramos e frutos e que se manifestam com o fortalecimento das festas

amazônicas. Pois, a beleza cênica (Figura 2) de Alter-do-Chão motiva os moradores à busca de preservação e continuidade, tanto da paisagem quanto da festa.



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 2. Orla e Ilha do Amor em Alter-do-Chão.

Descrever a paisagem torna-se um exercício para o expectador. O vento, os cardumes saltando sobre as águas, os botos caçando os peixes, com auxílio dos pássaros para a captura, as águas claras que deixam os visitantes em êxtase passando horas mergulhados nas águas do rio Tapajós, em banhos ou em plena contemplação, são experiências que renovam a presença do homem entrelaçando-os com a natureza (SANTOS, 2016).

Contemplar e experienciar a paisagem é elaborar, cognitivamente, sentido para as cores e cheiros em conjunto com as aproximações de vivenciar o lugar em que são evidenciadas as percepções sobre as experiências do visitante de Alter-do-Chão. Dessa forma, na Figura 2 com a imagem A tem-se a vista da orla de Alter do Chão, onde ficam as catraias e os barcos ancorados. Na área acima, está localizada a praça da comunidade e a igreja de Nossa Senhora da Saúde, padroeira da vila. Vários restaurantes e lojas comercializam artesanato local, junto aos visitantes que após a alimentação e compras atravessam rumo à ilha do amor, em catraias, a nado ou andando, quando as águas do rio estão mais baixas. No verão amazônico, como pode ser visto na imagem C, e, na imagem B, tem-se o mirante construído para observação da paisagem da ilha do amor.

Na ciência geográfica a paisagem possui diversas abordagens, dependendo do campo epistemológico em que o autor está alicerçado. Neste sentido, a geografia cultural vai além

da ação biológica da visão. Ela requer o entendimento da percepção, o sentido de quem a contempla e a experiência. Ao observar que as características simbólicas são aquelas que produzem e sustentam o significado social, Santos (2016) indica que a paisagem passa a ser alvo de interpretações, pois para compreendê-la necessita do exercício duplo relativo às escalas de aproximação e distanciamento. Nessa ação dupla tem-se a ampla busca pelos elementos materiais e imateriais que compõe a paisagem cultural.

Com a perspectiva de que a paisagem deve ser considerada como um texto lido de acordo com a intertextualidade de seu interprete, pois a paisagem é considerada segundo Name (2010) como “imagem cultural”, a partir de sua leitura os homens dão sentido a diversos sentimentos que são aguçados ao percebê-la, e, quando contemplam-na percebem o quanto ela está impregnada de significados.

Na construção cultural dos alterenses a paisagem e o lugar são percebidos por meio da cognição e percepção do corpo, ações e reações realizadas intrinsecamente pelo homem, de modo que, podem ser entendidos por meio de uma reflexão em forma de escala decrescente, utilizada para compreensão da postura dos alterenses, onde suas memórias estão conectadas à paisagem e aos lugares carregados de experiências e sentimentos. Dessa maneira, tentam fazer com que os visitantes o percebam e sintam estes sentimentos durante sua estadia em Alter-do-Chão.

Ao expor com sutileza as análises das paisagens representadas, Cosgrove (1987) também consegue elencar as diferenças tecnológicas e intencionalidades em diversos períodos, colocando-as como testemunhas das ações humanas e indicando o resultado da forma de apropriação da paisagem entre uma cultura e outra. Ao dar ênfase, a paisagem pode ser lida como um texto e abrir a perspectiva para a interpretação dos elementos que a constituem.

Segundo Santos (2016), Cosgrove (1984, 1987, 1999 e 2012) diferencia-se de outros geógrafos que estudavam nas décadas de 1970, 1980 e 1990 a sociedade como grupo cultural, enquanto produtores de paisagens (agentes geomorfológicos) a partir das técnicas e materialidade que os estruturava no espaço com a motivação e a mediação do meio sendo a técnica. A paisagem, em constante processo de formação, é vista como as interpretações elaboradas pela percepção que está sempre visualizando coisas novas, dependendo de como se sente quem a visualiza.

Em seu texto de 1984, Cosgrove refina o conceito de paisagem para uma análise da geografia cultural enfatizando que esta é em si uma construção cultural sofisticada, de modo que sua composição possui sentido diretamente pelo olhar humano e conflui em significados e sentidos para tudo que lhe é percebido.

O homem, ao perceber as características da paisagem, pode ter experiências que o levam ao prazer, a transcendência espiritual, a indiferença, ao medo ou a ira. Estes, são sentimentos que podem ser vividos por meio de sua percepção ou contemplação. No entanto, isso só será possível se ele detiver o mínimo de informação possível das características contidas na paisagem e dependendo de seu estado de espírito ao fazê-lo.

Os ‘modos de ver’ e evidenciar a paisagem, para Cosgrove (1984), exprimem historicamente o relacionamento dos homens e da natureza. Entretanto, a paisagem vai além da visualização e permite conduzir uma comunidade ao sentimento de pertencimento.

Em Alter-do-Chão, a paisagem é utilizada como propaganda para os “visitantes”, termo utilizado pelos moradores, fazendo referência à pessoa que os visita (turista). Mas, como tratado de forma carinhosa, a tendência ao retorno futuro é muito provável e, desse modo, perpetuam-se as visitas (o turismo) e a utilização da paisagem.

Os grupos humanos atribuem à paisagem e aos seus lugares significados obtidos a partir das percepções e do vivido. Cada um pode caracterizar o sentir a paisagem como um inter-texto com interpretações que podem, cada vez mais, elucidar a ação humana que foi aplicada nela, pois:

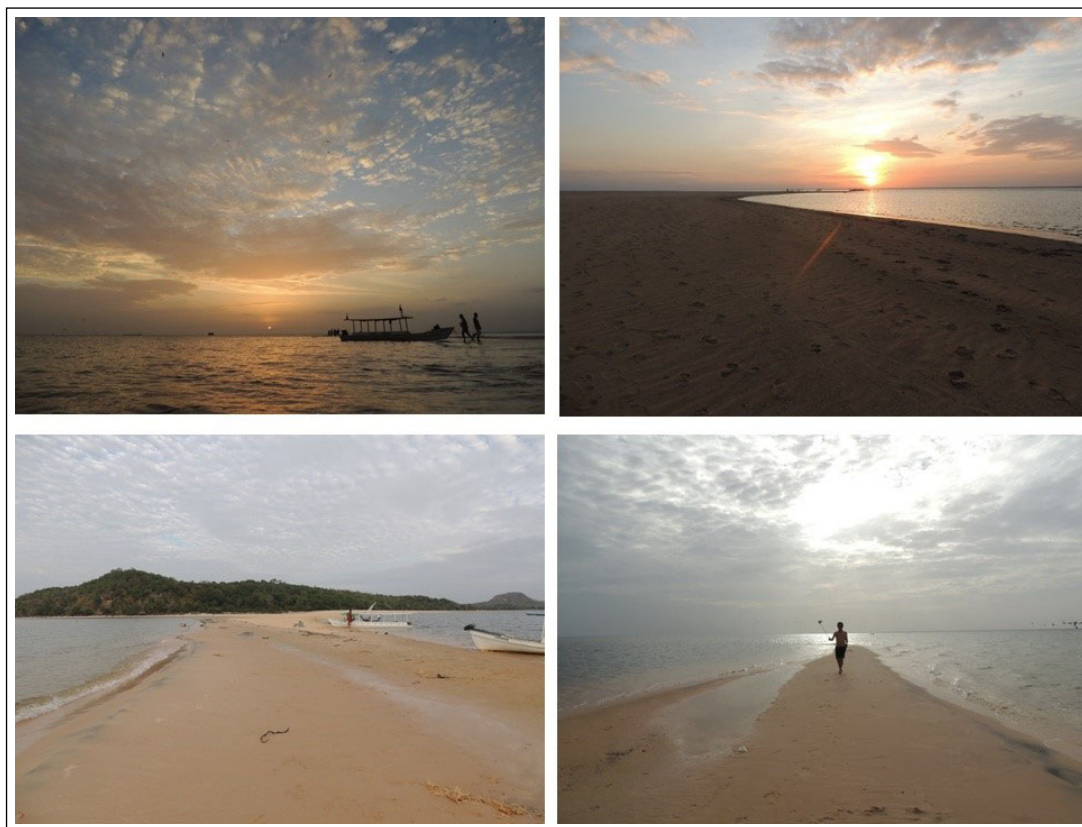
na perspectiva da intertextualidade, a paisagem facilmente também se converte, por analogia em um texto dada sua condição de espaço que é ao mesmo tempo produzido, contemplado, interpretado e muitas vezes consumido, necessariamente precisando da interação com um ou mais sujeitos individuais ou coletivos para sua existência. O mundo também é um conjunto de paisagens que modificam de significado, seja de acordo com quem está diante delas ou por causa das intenções de quem as produziu. (NAME, 2010, p. 178).

Dessa maneira, ao experimentar o sentimento que envolve a paisagem, cria-se um cenário imaginário, onde as expressões da cultura, juntamente com “os mitos que incorporam à paisagem, sem a qual eles não teriam existência, espaço e tempo”. Fica evidente que é “impossível os mitos da floresta amazônica fora de seus habitats” (PAES LOUREIRO, 1995, p. 239). O alterense entende que sua cultura está entrelaçada à floresta, ao rio, às praias, tornando vivido os diversos lugares que formam a paisagem de Alter-do-Chão.

O rio Tapajós é citado por diversos cronistas e naturalistas que foram encantados por sua paisagem cênica e histórica, as praias do Tapajós e o modo de vida de sua população. Nesta região, muitos são os atrativos naturais e se podem contemplar vários ecossistemas, bem como as matas virgens de igapó, a mata de várzea e as florestas de terra-firme. Também vários tipos de vegetações, como: vegetação de areia branca; vegetação de transição; floresta tropical densa de terra-firme; com e sem babaçu; e floresta de cipó. A vida das populações tradicionais, caboclas, ribeirinhas, indígenas e suas formas relacionais com a natureza, são o elo fundamental para se compreender a complexidade existente no funcionamento dos ecossistemas. É no contexto destas paisagens e imbuídos de um forte poder contemplativo que o homem vive seu cotidiano e constrói suas relações com o todo real e imaginário. (MATOS, 2003, p. 50).

A configuração natural da paisagem em Alter-do-Chão é muito citada nas músicas do festejo do Çairé. As brincadeiras realizadas durante o festejo também são marcas da festividade amazônica e, na Figura 3, mostra-se um dos atrativos para os visitantes. Tanto as músicas como as brincadeiras utilizam o aparato ambiental, exótico, para mexer com o imaginário de quem vê as imagens da paisagem e de quem sente essa paisagem. Elas coadunam para a dimensão simbólica da paisagem. Um impulso advém da percepção humana, de modo que cada indivíduo enxerga a paisagem de maneira própria. Nela é

destacado aquilo que, com maior intensidade, chama atenção, dependendo do estado de espírito e da necessidade de quem a contempla ou a experiencia. (SANTOS, 2016).



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 3. Ponta do Cururu em Alter-do-Chão.

Na concepção da geografia humanística experiencia-se a paisagem por meio de suas representações, de sua forma visível e da percepção que se adquire no conhecimento de suas formas. Os alterenses disponibilizam sua paisagem de maneira tão pitoresca para aqueles que serão, ou são, seus visitantes que conseguem demonstrar o entrelaçamento cultural e religioso vivido, com seus antepassados, durante o período do festejo em função das expressões culturais lúdicas do Çairé.

As expressões culturais lúdicas do Çairé dizem respeito às diversas disputas que ocorrem durante o festejo. A retirada do tronco da árvore que servirá de mastro nos dias de festa, a subida no mastro, a derrubada da bandeira, a disputa entre homens e mulheres no barracão, as disputas de danças e de músicas, todas são ações características de festividades das comunidades amazônicas. No Çairé, elas são desenvolvidas com auxílio midiático e comercial, pois os visitantes geram ativos econômicos para a comunidade. Percebe-se ainda que à medida em que os grupos culturais reencontram suas paisagens, como um prolongamento da própria identidade, essas relações são intensificadas, interiorizadas, gerando processos combinados e simultâneos que emergem, segundo as experiências e as percepções de cada indivíduo. (VARGAS, 2007).

Os alterenses, ao contemplarem a beleza da paisagem percebida e experienciada por eles, perceberam a comunhão entre céu e terra, seja no lugar vivido, ou na contemplação vista e entendida nas percepções de como veem o mundo. Dessa maneira, buscaram formas para representar a paisagem natural de Alter-do-Chão e, assim, atrair cada vez mais visitantes.

Nesta perspectiva, paisagem humanística pode ser entendida pela perspectiva de Cosgrove (2012, p. 25) como paisagem simbólica, representada e de consumo. Pois, “ainda que a perspectiva geométrica seja apenas uma dimensão da representação da paisagem, como em cosmografia e geografia” nessa perspectiva, se entende que a geomorfologia da paisagem fornece uma estrutura, “cujas exigências e a descrição mais específica são percebidas em obras que combinam topográfico com especificidade da narrativa”. O que nos três níveis dimensionais pensados por Cosgrove, vai além da estrutura material, pois o primeiro, com a paisagem simbólica contendo os dois níveis restantes pode-se entender a utilização da paisagem pelo ser humano.

A paisagem representada, obtida geralmente por imagem advinda da formação do relevo, construção vegetal, hidrográfica, é fruto da ação do homem que resulta em organização social. Já a paisagem consumida é aquela que o visitante, ao ver a propaganda (paisagem representada), é condicionado a consumir, pois é atraído por todas as representações. Do simbólico surge o desejo de consumo da paisagem. Por isso, entende-se que o primeiro nível dimensional da paisagem engloba os demais. Ele é fenomenológico, pois nele há toda a construção intertextual de como os indivíduos ou a comunidade entendem a paisagem, se de modo cultural ou religioso e de como esta será representada e interpretada. Silva (2014, p. 10) indica que “toda obra tem caráter simbólico, seja um discurso (uma linguagem) ou uma palavra,” seja edificações, que “necessita da mediação simbólica do mito, da poesia ou do símbolo”. Nessa perspectiva, a paisagem é ressignificada pelos sentidos.

No segundo nível, encontra-se a representação criada para evidenciar os predicados encontrados pelo homem na paisagem, sejam estes míticos, poéticos e naturais. A partir do conhecimento destes, tem início a transformação e a paisagem torna-se representada de maneira pictórica e/ou musicalizada. São formas de representar a paisagem e essas descrições são percebidas nos panfletos, nos quadros, nas fotos, nas narrativas dos moradores, nos rituais e na musicalidade que podem ser observadas e analisadas dentro das expressões culturais lúdicas do Çairé.

Já o terceiro nível, o da paisagem de consumo, pode ser referente às naturais ou às construídas. Nas paisagens naturais tem-se toda dinâmica do relevo, os quais demoraram alguns milhares de anos para sua formação. As paisagens construídas possuem diversos processos, seja particular ou público, e em alguns pontos foram construídos conjuntos ou segmentos de edificações para servirem de atrativos aos visitantes, proporcionando-lhes, desta maneira, aventura e conforto. Dessa forma, mesclam-se o consumo da natureza e o das construções erigidas para servirem de intersecção, ligando o simbólico ao material.

A utilização de barcos (catraias), na Figura 4, imagem D, para que os visitantes possam experienciar o ritual de busca do mastro na outra margem do rio Tapajós, é uma

forma de conhecer a paisagem natural de Alter-do-Chão e de outras áreas de preservação. Esses barcos são utilizados para que o visitante tenha a experiência de passar pelo rio. Seja de forma rápida ou não, ela deve ser sentida como algo que possa fazer o homem sentir-se unido novamente à natureza. Ele pode aproveitar as águas, o vento e perceber a chegada quando estiver próximo as praias e às áreas de floresta. O encantamento da paisagem natural convidativa é vendida para os visitantes para que estes possam consumi-la.

Observa-se que é construída toda uma narrativa para que os visitantes tenham a sensação de interação inovadora e renovadora com a paisagem. Ao fazer parte do imaginário do visitante ele tem mais chances de retornar a Alter-do-Chão. Matos (2003, p. 26) indicou que “a paisagem é procurada como suporte para seu desfrute contemplativo, daí ocorrendo a ênfase em minimizar a presença de seus agentes transformadores, inclusive os nativos”.



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 4. Paisagem consumida.

Há a necessidade de oferecer aos visitantes, não só a beleza natural, mas, as edificações construídas para propiciar aconchego, Figura 4, imagem A, B e C e Figura 2. O admirar a orla, as edificações das pousadas, as barracas, a praça do Çairé, todas essas rotinas tornam-se elementos que compõe a paisagem. E essas, são capturadas milhares

de vezes por lentes fotográficas, de celular, por pinturas ou por meio de esculturas. Todas as maneiras para guardar as recordações da paisagem, que foram experienciadas, têm validade para os visitantes. (SANTOS, 2016).

Entende-se que os níveis dimensionais da paisagem são bem distintos. Contudo, agregam-se, não podendo ser estudados um sem o outro, posto que incorreriam problemas interpretativos. Isso, tendo em conta que paisagem é uma área organizada, onde suas características ambientais (geomorfológica) e sociais (ação humana, sentidos dos signos, símbolos, carregado de sentimentos) se entrecruzam com suas especificidades de maneira ampla. Pois, tanto o elemento natural quanto a intervenção humana, são formadores e modeladores da paisagem. E, é somente por meio das especificidades que o homem atribui os significados aos signos. Estes são fatores qualificadores que impõem predicados específicos a cada paisagem.

A UTILIZAÇÃO DA ESCALA PARA A PAISAGEM SER VIVIDA COMO LUGAR

A utilização da escala conduz tanto quem pesquisa a paisagem quanto quem contempla suas diversas percepções. De certo, a visualização da paisagem com a utilização da escala geográfica remete a graus diferentes de entendimento e percepção. Ademais, as interpretações realizadas por Cosgrove possuem cunho hermenêutico-fenomenológico quando visam o entendimento do contexto social como realidade percebida. De acordo com os intertextos possíveis, dentro das interpretações instigadas pela proximidade, ou distância que o visitante ou alterense estão localizados, é a utilização das variações da escala geográfica, para entender as especificidades de determinada paisagem, que vai também conduzir a paisagem de consumo. E com essa vivência a paisagem passa a ser tida como lugar.

Nesta concepção, percebe-se que a polissemia da paisagem, entendida pelo homem de acordo com sua necessidade evidenciada nas obras de Cosgrove, com a percepção sensorial (odores, auditivas, visuais), é perceptível no sentimento (fenomênica) da paisagem de consumo com “antropizações” visíveis. A paisagem, por meio da contemplação, em uma determinada distância, pode ser utilizada para construção do imaginário que propicia e instiga as conjecturas do que a constitui, moldando-a na mente como algo homogêneo. Somente com a aproximação é que os elementos da paisagem passam a mostrar-se heterogêneos e sua dinâmica perceptível. Dessa forma, quando vivida, passa a ser transformada em lugar.

A paisagem, como objeto que está condicionada aos olhos e à localização, às técnicas e à mente de quem está diante dela, por outro lado, ganha a valorização do sentido estético. Ela, que se resume à noção de beleza – esquecendo-se que uma paisagem pode ser “esteticamente repulsiva”, e por outro lado a mesma paisagem para outra pessoa é “esteticamente prazerosa”, nesse sentido o conceito de representação (o que a análise humanista esboçava pela via da fenomenologia), estabelece um conflito escalar na posição do observador e no objeto observado, pois o sujeito que vê, sente algo, logo interage com a paisagem de modo extremamente peculiar.

Quando ocorre a aproximação do indivíduo da paisagem tem-se a experiência concretizada. Dessa maneira, o que antes era contemplação e percepção torna-se lugar vivido. Assim, as paisagens das praias de Alter-do-Chão, representadas pelas mídias, nos desenhos e nas músicas ao ‘visitante’, são transformadas em lugares que foram visitados e tornam-se parte da memória ou de lembranças. A partir do vivido na memória, os visitantes transformam a paisagem em lugares paradisíacos. Nesse sentido, a utilização das particularidades da paisagem, durante as expressões culturais lúdicas do Çairé, constitui o lugar onde as experiências e vivências são guardadas por meio da memória. Na perspectiva de Cosgrove (2012), segundo Santos (2016), ver, perceber, imaginar, contemplar, interpretar e compreender pode remeter a experiências, sejam agradáveis ou não. Mas, elas envolvem a espacialidade do sujeito em diferentes escalas.

A importância da escala para realização de percepção e “conexões” é exposta por Ricoeur (2007) quando algo é visualizado. Já Cosgrove (2012) elenca os diversos modos de utilização da visão para que se possa realizar conexões de “conhecimento” e ter-se a percepção do que está sendo observado. Enquanto isso, a escala de aproximação utilizada pelo corpo e pela visão redimensiona o entendimento para melhor compreensão dos elementos dispostos na paisagem, dando início as diferenças dos objetos, tornando-os heterogêneos. Besse (2014) enfatiza que quanto mais próximo o indivíduo experienciar a paisagem, mais ele a entenderá vivenciando-a, transformando-a em lugar. Nesse sentido, as diferentes maneiras de observar a paisagem se complementam, pois cada ponto quando experienciado tornar-se-á um lugar vivido, onde ocorre confluência de sentimentos, ações, experiências e vivências.

Nesta perspectiva, os lugares são parte da paisagem, sendo também parte das experiências e vivências que o ser humano realiza durante sua vida. Essas gradações das experiências são perceptivas nas falas, nas fotos, nas músicas, como pode ser observado na música que faz parte da abertura do Çairé desde o ano de 1998: “Eu sou índio Borari, eu sou nativo daqui, sou filho desse lugar, sou filho de Santarém, meu amigo aqui também de longe veio brincar... somos uma única nação da vila de Alter-do-Chão, nativo deste lugar... saudamos o Çairé! Festa de arte e de fé do Oeste do Pará” (Música do Çairé, 1998).

Percebe-se que o convite para participar das expressões culturais lúdicas do Çairé é realizado com a demonstração de amor ao lugar, de contemplação da paisagem, de autoafirmação com a parte étnica que faz parte da miscigenação do caboclo alterense, evidenciado nas representações de sua cultura e religiosidade. Dessa maneira, quanto mais íntimo o ser humano for do lugar, a denominação concedida a ele revelará o grau de sentimento que o homem sente em sua relação, se topofílico (BACHELARD, 1993; TUAN 1980) ou topofóbico (TUAN, 2005).

Durante as expressões culturais lúdicas do Çairé há momentos em que os sentimentos topofóbicos são aflorados, pois os alterenses contam aos visitantes acontecimentos sombrios sobre determinado lugar, onde a paisagem é perigosa. Como também relatam coisas boas de outros lugares para que, desse modo, crie-se uma expectativa maior pela visitação e experiência em um lugar e cuidado em outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na concepção da geografia humanística as intertextualizações permitem discutir o sentido, os significados das ações elaboradas pelos alterenses, procurando sempre entender o significado que o humano impõe ao seu meio, ao seu redor. Desse modo, a cultura é interpretada com maior intensidade na complexidade da sociedade que a cria, pois ela irá sempre variar de uma comunidade para outra.

As expressões culturais lúdicas do Çairé carregam consigo as experiências que geram significações retratadas pela cultura dos moradores de Alter-do-Chão, distrito de Santarém, município do estado do Pará. Ali, os jovens que participam da festa passam a valorizar sua cultura, identificando-se e tendo orgulho de fazer parte da comunidade e de sua ancestralidade. O visitante que experiencia o festejo marca sua passagem com lembranças dos lugares que visitou e o que foi feito em cada um deles. Nesse sentido, a prática da vida atribui significado aos lugares, fato que depois de certo tempo poderá se transformar em saudosismo.

De certo que a paisagem pode ser entendida de diferentes maneiras, pois os seres humanos observam nela aquilo que lhe chama atenção. Não só no contexto das músicas, mais de todas as representações geográficas do lugar em que vivem e dos elementos míticos e místicos que os cercam. A maneira como são compreendidos e representados, perpassando o indivíduo desde o que lhe é sentido prazeroso, quanto o temeroso, são os diversos lugares que compõe a práxis cotidiana e que também estão contidos na paisagem. Nesse sentido, o nível dimensional simbólico se faz presente na paisagem representada e na paisagem consumida, pois é a partir dos significados atribuídos à paisagem que ela será observada e entendida pelas pessoas de um modo diferenciado das demais paisagens.

Pensando o lugar, a cultura é como a criação que objetiva a coletividade em sua prática, símbolos e valores pelos quais uma comunidade define para si mesma o bem e mal, a beleza, o verdadeiro e o falso, o puro e o impuro. A Cultura é manifestada na dinâmica da vida social, em corporeidade ou na imaterialidade. Ela é cotidianamente vivida.

Nesta visão geográfica de cultura, entende-se que os elementos de transcendência na Amazônia brasileira são diversos. Eles auxiliam, na maior parte dos rituais caboclos ou étnicos ricos em simbologia, para que as pessoas consigam sentir mais desejo no consumo da paisagem representada. Durante as expressões culturais lúdicas do Çairé, percebe-se que o visitante busca a quebra do cotidiano e, a entrega inconsciente que aflora seu lado mais alegre, informal, lhe possibilita um contato maior com alguns elementos da natureza. Há aqueles que buscam entregar-se objetivando leveza metafísica e fenomenológica em meditações, contemplações e imersões na natureza como busca de conexão com o cosmo.

De certa maneira, a cultura de uma dada comunidade é formada por sua experiência espacial em cada período de sua existência e as mudanças, muitas vezes, só são percebidas depois de algum tempo. Isto se dá pela confluência das ações de permanência ou alteração que ocorre quase que imperceptivelmente. Nessa concepção, a cultura é o elo que une as famílias e estas à comunidade. Elas percebem que organizar-se lhes trará mais benefício. Por isso, os alterenses tomaram a decisão de continuidade para fortalecimento de sua cultura e crença.

Observou-se que ao utilizarem os elementos naturais como definidores de sua cultura os alterenses dão sentido, transformando-os em símbolos e signos. Com tal prática, visam a continuidade ritualística e cultural que envolve as crenças e as lendas praticadas no passado e que ainda continuam revividas durante as expressões culturais lúdicas do Çairé, embora redimensionadas na atualidade.

A originalidade que cada cultura possui é algo que torna o tecido social heterogêneo. Nesse sentido, é importante a utilização das especificidades culturais para que existam dinâmicas representacionais em que as expressões festivas, mitos e os rituais, surjam como marcas diferenciadoras em determinada comunidade. Essas diferenças são percebidas, no caso do Çairé, que é marcado como uma forma de resistência cultural, na perspectiva da utilização do ritual e até mesmo financeira de um povoado simples que utiliza sua paisagem e seus mitos ancestrais como marcador de resistência.

NOTA

3 Os alterenses não utilizam o conceito de turistas. Para eles, segundo Santos (2016), tratar os de fora como visitantes é torná-los próximos. Dessa maneira, prever que retornarão para visitá-los no futuro. O turista passa e não tem por que retornar, se já conhece o lugar e paisagens. Mas, o visitante é íntimo e tem o porquê de retornar para visitá-los novamente.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BESSE, J. M. **O gosto do mundo: Exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- COSGROVE, D. **Geography & vision: seeing, imagining and representing the world**. New York: IB Tauris, 2012.
- COSGROVE, D. Landscape and landschaft. In: Symposium German Historical Institute: **GHI Bulletin** n. 35, 2004. p. 57-71.
- COSGROVE, D. **Social formation and symbolic landscape**. Londres: University of Wisconsin Press, 1984.
- COSGROVE, D. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 17-48.
- COSGROVE, D. Towards a radical cultural Geography of Theory. In: **Antipode – a Radical Journal of Geography**: Worcester, n. 15 1983. p. 1-11.
- COSGROVE, D.; JACKSON, P. New Directions in cultural Geography. In: **Institute of British Geographers**: vol. 19 n.02, 1987. p. 95-101.
- MATOS, J. F. R. **Enraizamento cultural e o ecoturismo na Amazônia brasileira – caso da Vila de Alter do Chão**. Tese Doutorado em Desenvolvimento Sustentável, Brasília, 2003. 198p.
- NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura.

- In: **GeoTexto**, vol. 6, n. 2, 2010. p. 163-186.
- PAES LOUREIRO, J. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.
- SANTOS, S. C. dos. **Paisagem e lugar das expressões culturais lúdicas do Çairé e da disputa dos botos em Alter do Chão/PA**. Tese Doutorado em geografia, Curitiba, 2016. 256p.
- SILVA, E. D. Hermenêutica-fenomenológica como metodologia em linguística aplicada. In: **Revista Intertexto**: v. 7 n. 1, 2014. p. 1-19.
- SMITH, H. An Indian Village. In: **Brazil, the Amazons and the coast**. New York: C. Scribner's Sons, 1879. p. 370-397.
- TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- VARGAS, I. A. Paisagem, Território e Identidade: uma Abordagem da Geografia Cultural para o Pantanal Mato-grossense. In GIL FILHO, S. F.; KOZEL, S. e SILVA, J. C. (Orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação**: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Marge, 2007. p. 158-178.